



Uma vista trazeira da residência do popular galã cómico William Haines, em Hollywood

s e papel duma maneira notável, simples e encantadora. Louis Wolheim é um «ferrabraz» (*dur à cuire*) magnífico que instrui e protege os jovens recrutas. Yola de Avril é muito realista no seu curto idílio com o soldado alemão.

«O realizador Lewis Millestone pintou com uma verdade inacreditável as terríveis scenas que fazem de *All Quiet* uma produção impossível de esquecer».

Tal é em resumo a notável crítica de Raymond Andrews, que nos faz antever *A oeste nada de novo* como uma das melhores produções sôbre a guerra mundial.

O FILME «LISBOA»

NOTICIU-SE que o filme *Lisboa*, de Leitão de Barros, vai ser podado de certas excrescências e acrescentado com novas imagens, a-fim de poder ser exibido com agrado no Brasil.

Sempre nos pareceu, e escrevemo-lo, de princípio, que *Lisboa* tal como foi apresentada nas telas do país, ou pelo menos da capital, não podia ser exibida no estrangeiro e particularmente no Brasil, sem que a remodelassem.

Com efeito, *Lisboa* era demasiado anedótica, demasiado bairrista, demasiado familiar para que se mostrasse como Lisboa, a capital da República. As varias espécies de «conto do vigário», por exemplo,

são um documento pouco atraente para o forasteiro, a não ser que lhas mostremos como aviso. Outras e outras imagens são incompreensíveis lá fora. O Chiado não é, positivamente, o estrangeiro...

Seja como for, parece-nos que o filme *Lisboa*, depois de remodelado e antes de seguir para o Brasil, devia ser exibido num dos cinemas da capital e submeter-se à apreciação da crítica, embora se anuncie que é um crítico a pessoa contratada para dirigir os cortes, as remodelações e os acrescentamentos, caso não contribua a propria qualidade de crítico para que mais necessária se torne essa exibição.

Antes da imprensa brasileira se pronunciar sôbre a *Lisboa* de Leitão de Barros, cortada, modificada e aumentada pelo sr. António Lopes Ribeiro, seria natural que a portuguesa, alheia a tais acôrdos e tais substituições no capitulo de realizadores, pudesse emitir, com independência, uma clara opinião sôbre o que fica sendo *Lisboa*, depois de expurgada e acrescentada.

Não duvidamos de que o sr. A. L. Ribeiro se limite a acatar determinações expressas do sr. Leitão de Barros; mas, ainda que o trabalho das modificações de *Lisboa* fôsse efectuado directa e exclusivamente pelo seu animador, isso não obstaría a que, do mesmo modo, pedissemos que a fita fôsse aqui projectada antes de remetida para o Rio de Janeiro...

Um acrescento: Parece que, para *Lisboa* já se filmou a frontaria da «Chic» de maneira a ver-se lá dentro o actor Artur Duarte lendo uma das revistas

dilectas do segundo realizador. E' justo. O reclamo bem entendido, como a caridade bem entendida, deve começar por nós...

ACIDENTES DO TRABALHO

Por detrás dos projectores de Hollywood, as nódoas de sangue são numerosas? Tal é a pergunta a que responde uma curiosa estatística da Comissão do Estado, para o «contrôle» dos accidentes industriais.

Durante o ano de 1929, morreram desasseis homens nos estúdios de Hollywood; ficaram nove mutilados e 1272, que foram feridos, tiveram que se sujeitar a uma operação cirúrgica, em virtude dos desastres sofridos.

Dos desasseis homens que morreram, dez pertencem ao 2.º semestre de 1929, e foram dois artistas, dois assistentes, um electricista, dois empregados e três carpinteiros.

Um actor foi arrastado numa floresta, pelo cavalo que montava. O outro caiu, sobre a scena, de grande altura. Os assistentes foram vítimas de uma queda de aviões.

Os outros morreram de accidentes tais como: desmoronamentos de muros ou quedas de objectos pesados.

Entre os accidentes de menor importância, contam-se aqueles em que os artistas apanharam com pedras que atiravam uns aos outros, ou em que foram esmagados por árvores ou ainda feridos pelos cavalos. Os accidentes provocados por estes são os mais numerosos.

A densa origina-os também, sobretudo nas mulheres, ocasionando entorses, maus geitos, etc.

Um homem fere-se impelindo um barco para a água, outro tentando levantar um tronco de árvore.

Entre os outros «accidentes de trabalho», podemos citar o de um homem que ficou com as pernas entaladas, o de outro que foi mordido por um cão, os que se queimaram durante os incêndios etc. etc., sem contar com aqueles que sobreveem no decurso de fugas e perseguições...

UMA GRETA GARBO ESPANHOLA

Para a corrida de toiros, organizada pela «Associação Profesional de Camareros de Barcelona», que se realizou há algumas semanas, havia sido convidada a célebre estrêla sueca, Greta Garbo, que seria a presidente de honra da festa em questão.

Esta porém telegrafou, nos seguintes termos à M. G. M. Ibérica:

«Mr. Letsch — Barcelona — Acabo de ter conhecimento da grande honra que me conferiram para a corrida organizada, nas festas da Exposição. Estou trabalhando de dia e noite, na minha nova produção *Romance*, e, mesmo que assim não fôsse, seria impossível visitá-los pela velha lei do trabalho: a obrigação está primeiro que a devoção. Quero sugerir-lhes que seleccionem, em meu lugar, uma «señorita» espanhola, parecida comigo, e por esta cortezia ela contará com a minha gratidão. Tornem patente a expressão da minha gratidão a todos os mesmos amigos de Espanha — Greta Garbo.»

Em vista disto, organizou-se um concurso, de acôrdo com a revista *El Cine*, que foi ganho, em vista da sua notável parecença com Greta Garbo, pela célebre cançonetista espanhola Pilar Ruiz.

Formou-se um cortejo até à praça de toiros, cheio de luzimento e de caras bonitas, e a festa teria sido muito linda se não chovesse a potes e a corrida não fosse interrompida.

O FILME DE PROPAGANDA

O cinema tem sido um excelente auxiliar, não só como propagandista de factos, mas de ideas.

Os sovietes teem-o aproveitado largamente, a-fim-de infundir o ódio à burguezia, à autoridade, etc. Ultimamente, editaram um filme em que mostram o linchamento de negros na América, documento formidável a opôr áqueles que alcunham de «bárbaros» o povo russo.

Este filme, era acompanhado de uma conferência, em que se punha em foco o acto praticado pelos homens «mais civilizados do século XX».

Por seu turno, o Canadá, por intermédio do seu Governo, vai dedicar-se à produção sonora de filmes de propaganda, estando a construir um estúdio equipado, especialmente, para esse fim.

Este exemplo foi seguido pelo México cujo governo prevê, para a produção de filmes de propaganda agrícola e militar, no seu orçamento, uma verba de 110 milhões de esterlinos.

Ao mesmo tempo, o Mexico lançou impostos proibitivos sobre os filmes falados estrangeiros.

QUE FINO!

Um jornal cinematográfico, acusando não sabemos quem de lhe ter «inveja» (que fino!), proclama, a seu respeito e a propósito doutra revista, que «ambos contam no seu activo os melhores colaboradores da especialidade, que são evidentemente os mesmos» e que «sabem o que fazem, o que querem e o que escrevem»...

Os melhores!

E' assim que, com uma comovente modéstia, se classificam a si próprios, ou, antes, o autor do escrito encomiástico se alcaprema ao nível dos primeiros, dos grandes, dos únicos...

A Sabedoria das Nações comenta o caso de várias formas:

«Presunção e água benta...»

«Elogio em boca própria...»

O resto é por demais sabido. E que elles sabem o que querem, também!

UM CINEMA MONUMENTAL

Segundo comunicaram da Améria, J. D. Rockefeller projecta construir em Nova York um cinema de 7.500 lugares, assim como quatro cinemas ordinários, devendo o todo formar um centro de divertimento combinado com um plano de difusão radiofónica sem precedentes.

Rockefeller adquiriu, há pouco, uma propriedade avaliada em 250 milhões de dólares, situada entre a 5.ª e a 6.ª Avenida e as ruas 48.ª e 55.ª, no próprio centro do bairro mais elegante e mais rico de Nova York.

Crê-se saber que elle encara também uma proposta que daria aos 12 milhares de amadores da radiofonia nos Estados Unidos progressos artisticos incomparavelmente melhores do que tudo o que se tem tentado até agora.

PARA UM FILME

Para a filmagem de certas scenas de *Os nossos tímidos noivos*, em que aparecerá Joan Crawford, alugou-se, durante todo um domingo, um dos grandes armazens de Los Angeles, com todos os empregados. Joan Crawford estava na secção de vestidos, Dorothy Sebastian, na de tecidos e outra estrêla vendia perfumes.